



## A CONSTRUÇÃO DA LIBERDADE LATINO-AMERICANA COMO SUPERAÇÃO A ORDEM CAPITALISTA

Selma Graciele Gomes<sup>1</sup>

### RESUMO

Vive-se atualmente a degradação da sociedade que emerge na miséria. Esta realidade reflete o sistema capitalista que impõe seus ditames a países pobres. Tal conjuntura leva a crise capitalista que é caracterizada pelas contradições sociais. Assim, a questão latino-americana é envolta por contradições que retratam a ofensiva neoliberal e o seu enfrentamento via organização popular. Os ideais revolucionários almejados significam uma utopia a ser alcançada através da luta social. Portanto, é necessário construir um processo revolucionário que parta da base, processo que deve ser baseado na democracia e liberdade. Somente desta forma, ter-se-á uma sociedade pautada na justiça social.

Palavras-Chave: capitalismo, revolução socialista, liberdade latino-americana

### ABSTRACT

Currently lives the degradation of society that emerges on misery. That reality reflects the capitalist system that imposes their rules to poor countries. Such conjuncture takes to capitalist crisis, which is characterized by social contradictions. That way the Latin American question is involved by contradictions that portray the neo-liberal and its confrontation by popular organization. The revolutionaries ideals longed for means a utopia to be reached through of the social fight. Therefore, is necessary to build a revolutionary process that start from the base, process such that must to be based in the democracy and freedom. Only this way, it will have a society guide lined in the social justice.

Key words: Capitalism, Socialist revolution, Latin American freedom.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresentará as amarras do sistema capitalista e suas conseqüências históricas, trazendo a realidade social envolta por políticas neoliberais. Com isso, serão apresentadas as estratégias capitalistas para manter-se no poder e, em contraposição, a luta social contra a exploração imperialista. Estas relações contraditórias mostrarão a crise capitalista e a resistência por parte do grande capital à referida crise.

A seguir, será apresentada a questão latino-americana que retratará a conjuntura continental baseada nas políticas impostas pelo capitalismo e a perspectiva para construção do processo revolucionário socialista.

---

<sup>1</sup>Acadêmica de Serviço Social e bolsista do Núcleo de Estudos da Criança, Adolescente e Família (NECAD) da Universidade Federal de Santa Catarina.

Com base na busca pela superação do sistema capitalista apresentar-se-á alternativas às políticas neoliberais, alternativas baseadas na emancipação popular. Neste contexto, o trabalho mostrará as lutas sociais como processo democrático para a construção de uma nova ordem societária que substitua o capitalismo e promova a justiça social.

## **2 AS AMARRAS DO SISTEMA CAPITALISTA**

Vive-se, na atual conjuntura, um processo de barbárie em que o ser humano passa a ser alvo de constantes ataques de políticas neoliberais que colocam a civilização humana sob os efeitos destrutíveis do sistema capitalista. A população mundial assiste atualmente a degradação da dignidade humana, degradação esta originada via políticas de corte, ajuste econômico, privatização de empresas estatais, reformas políticas dentre outras. No contexto geral, estas políticas não dão conta de atender as demandas advindas da população esquecida que fica limitada a ações restritas e pulverizadas.

Cabe trazer para a análise a globalização, que é fruto, também, do sistema capitalista. Com ela, a economia mundializa-se tornando como universal as regras do mercado. Porém, o problema apresentado diz respeito, não à globalização propriamente dita, mas, sobretudo, as condições desiguais de inserção no jogo do mercado que deixa países emergentes em desvantagem em relação a países hegemônicos. Com isso, cabe dizer que “a globalização deve ser vista como subordinada e assimétrica, assimetria que se manifesta no âmbito mundial, entre sociedades e economias, e no âmbito nacional entre grupos e setores sociais” (WANDERLEY, 2004, p. 68).

Este é um jogo que expressa interesses imperialistas sob a égide da plena liberdade de relações econômicas, sociais e culturais entre países. Porém, as relações no contexto da globalização, refletem a desigualdade entre países dominantes e dominados, tendo estes últimos, poucas vantagens na comercialização de seus produtos. Essa desvantagem pode ser caracterizada pela entrada de países periféricos nas negociações de forma subalterna, ao contrário, dos países hegemônicos que tem como interesse primordial a absorção de mais valia às custas daqueles em desenvolvimento. Com isso, as nações subdesenvolvidas acabam submergindo ainda mais na pobreza, aumentando as dívidas públicas para que os efeitos nefastos deste jogo sejam disfarçados através de políticas fragmentadas que não reduzirão a pobreza existente no mundo.

Tendo como base as conseqüências do sistema capitalista no mundo, poder-se-á discorrer sobre sua crise, apresentando não apenas seus reflexos desastrosos, mas também o contra ataque de grupos e/ou movimentos organizados com o propósito de lutar

contra este sistema injusto que assola o mundo com as injustiças provenientes das situações de pauperização de grande massa da população.

Salienta-se, então, que a crise do capitalismo apresenta-se como acirramento de contradições e conflitos que são decorrentes de movimentos sociais que lutam para implantar um novo sistema que represente uma sociedade pautada na justiça social livre de preconceitos, autoritarismo e toda forma de discriminação. É uma crise que Wanderley (2004) caracteriza como momento de contradições, disputas entre classes que podem levar a ruptura do atual modelo econômico. Entende-se através desta análise, que este momento é propício para reformas estruturais e/ou revoluções. Com isso, a crise leva ao uso de estratégias, por parte dos capitalistas, para que seus ideais, sustentados no acúmulo de riquezas, mantenham-se firmes.

A busca pela superação da crise leva à estratégias que marcam um cenário de constantes lutas, em que Estado máximo para o mercado e mínimo para o restante da população, guerras, e políticas de corte, sejam formas de controlar a crise anunciada e manter no poder a classe dominante.

Assim, países periféricos, em específico países que fazem parte da América Latina, são alvo da busca desenfreada do capitalismo pela manutenção da sua pujança enquanto nação hegemônica.

Neste sentido, o capital financeiro deterioriza as condições de vida das nações dominadas, uma vez que,

organiza uma função (...): incrementar a exploração das economias dominantes sobre as dominadas para a superação das crises periódicas e globais do capital, evitando-se, assim que essas crises desorganizem os Estados Nacionais das economias dominantes, o coração do sistema ( MARTINS, 2005, p.132).

A crise apresenta contradições, conforme mencionado anteriormente, que traz à arena a busca desesperada do grande capital para manter-se no poder como grupo dominante. Em contraposição, como reação as conseqüências das políticas neoliberais, têm-se os movimentos sociais comprometidos com a busca de uma nova ordem societária. Nesta acepção, o grande capital torna-se mero dominante<sup>2</sup> do sistema político, perdendo o

---

<sup>2</sup> O termo dominante é resgatado de Gramsci por Simonato que traz a distinção entre classe dominante e classe dirigente. Segundo interprete de Gramsci, existem duas opções para chegar ou manter-se no poder, uma seria através do consenso que caracteriza a classe dirigente e a outra é condutora do poder caracterizado pela classe dominante. Desta forma, um grupo social é dominante dos grupos adversários quando usa da coerção para se manter no poder e pode ser dirigente quando usa do consenso para forma alianças e concepções afins. Um grupo social deve ser dirigente antes de chegar ao poder, e quando possui o poder torna-se dominante, mas deve continuar sendo dirigente para manter sua hegemonia.

consenso. Sua atuação enquanto grupo dominante passa a ser baseado pela coerção, deixando de ter o apoio das grandes massas.

Desta forma, a crise capitalista anunciada, é caracterizada pela perda da preeminência da classe política dominante. Ratificando tal análise Gramsci diz que,

Se a classe dominante perdeu o consenso, ou seja, não é mais dirigente, porém unicamente dominante detentora da pura força coercitiva, isso significa precisamente que as grandes massas se separam das ideologias tradicionais, que não crêem mais no que antes criam, etc...(Gramsci 1977, p.311 apud Simionatto 2005, p. 42).

Com base em Gramsci, a crise expressa um esgotamento da ideologia dominante, que está abalada, e a necessidade de nascer uma nova ideologia que esteja atrelada a interesses distintos do sistema vigente.

É neste contexto de contradições que o capitalismo esforça-se para impor seus ditames a países subdesenvolvidos, encontrando, na América Latina, uma “vítima” ideal para implantar políticas baseadas na lógica neoliberal conforme ver-se-á no próximo item.

### **3 QUESTÃO SOCIAL: uma análise do caso latino-americano**

A questão social relaciona-se diretamente com os problemas vivenciados no decorrer da história e no atual contexto. O desmonte de políticas sociais, o aumento da dívida pública, o elevado índice da pobreza constatado no continente latino-americano impulsionam as reivindicações dos movimentos sociais por melhorias nas condições de vida do povo.

Desta forma, a questão social compreende “determinados componentes da organização e da sociedade-nação, estado, cidadania, trabalho, gênero-que, histórica e estruturalmente, passam a ser considerados como crítico para a continuidade e mudança da sociedade” (WANDERLEY, 2004, p.60). Neste sentido, a questão latino-americana está ligada às conseqüências relacionadas às políticas neoliberais, bem como as lutas organizadas contra tais políticas. Após o entendimento da questão social poder-se-á analisar a questão latino-americana.

Primeiramente, vale recordar que os países que compõem a América Latina apresentam similaridades e diferenças. As similaridades retratam o processo de colonização e implantação tardio do sistema capitalista no continente que fixou a dependência dos países latino-americanos às nações exploradoras de suas riquezas.

Falar na questão latino-americana exige, então, entendê-la como resultado de um processo histórico estrutural que envolveu diversos componentes que fazem parte, no

decorrer da história, de uma sociedade pautada na luta de classes entre dominantes e dominados. Essa análise remete ao desdobramento das peculiaridades latino-americanas para entender que este foi, e é, um continente que teve seus países colonizados e que carregam consigo, até os dias atuais, marcas deletérias desta colonização.

As características negativas deste processo carregam as marcas culturais de países europeus através do eurocentrismo.<sup>3</sup>

Neste caso, o povo deixa de ter sua própria história enquanto formação de uma identidade e passa a reproduzir características impostas por países europeus que mantém a dominação política-ideológica. O eurocentrismo destaca-se, assim, como “ a mais potente ideologia de nosso tempo”(OURIQUES, 2005, p.129) que tem resultados nefastos, uma vez que, inibe a criatividade de uma população, a iniciativa própria que possa levar a emancipação de um país, país este que fica aprisionado a uma ideologia perpassada por outrem que acaba desconfigurando a real noção do que vêm a ser soberania. O eurocentrismo leva a permissão à perpetuação da doutrina neoliberal, extinguindo qualquer chance da América Latina criar suas próprias instituições e economia.

Com base na análise exposta, compreende-se que, a realidade latino-americana ainda está imersa por um modelo econômico-social que leva a inércia político e cultural, sem alterar a realidade vivida e, principalmente, sem resgatar aspectos peculiares do continente como sua economia rural, cultura e povo.

É fato que, o modelo neoliberal implantado pelos organismos internacionais pautados nas estratégias de ajustes econômicos como privatização, descentralização e focalização, não solucionaram os efeitos indelévels da história do povo latino-americano, como a dependência financeira, aumento das dívidas públicas e, por conseguinte, a desigualdade social.

Nesta linha de pensamento, diz-se que a política neoliberal disseminada rapidamente pelo processo de globalização leva ao crescimento das disparidades entre países ricos e pobres e ao acúmulo de problemáticas sociais. Para constatar a ineficiência do sistema capitalista, toma-se o caso argentino como ponto de análise. Conforme Martins (2005), em março de 2002, a produção industrial na Argentina contabilizava 43 meses de

---

<sup>3</sup> O eurocentrismo surgiu na época do descobrimento dos países colonizados pelos países colonizadores. Neste caminho, países da Europa, ao descobrir colônias encontraram povos distintos tanto na sua cultura como no seu biótipo. Desta forma, criou-se uma identidade racial, ou seja, o conceito de raça, que vinculou os papéis de cada ser a este conceito. Este conceito serviu para manter as relações de dominação e estabelecer a idéia de inferioridade, dos não europeus. Assim, aqueles que não eram europeus (negros, mestiços, índios) eram considerados como seres inferiores, de raças dominadas que “naturalmente” deveriam ser explorados, pois sua identidade racial não permitia que fossem donos dos seus meios de produção. Com isso, o eurocentrismo sustenta-se no processo de globalização, que implanta a dominação de uma nação hegemônica e opressora a outra, que deve por sua vez, seguir as regras impostas acreditando que estas mesmas regras fazem parte de sua própria cultura e não de uma cultura criado por outrem.

paralisação o que representou quase quatro anos de queda. A produção de veículos caiu 65%, a de têxteis 56%, a metal-mecânica 54,1% e a siderúrgica 20,2%. Calculava-se que grande parte da população argentina estava vivendo abaixo da linha de pobreza. Desta forma, existiam no final de maio de 2002, no país, cerca de 18,2 milhões de pobres, sendo que, 7,8 milhões destes eram indigentes.

Estes dados apresentam uma realidade conturbada por políticas sócio-econômicas baseadas na lógica capitalista que leva um estado-nação a ficar dependente de organismos internacionais como o Fundo Monetário Internacional (FMI), Bancos Interamericanos de Desenvolvimento (BID), entre outros.

Este modelo imposto pelo imperialismo traz o entendimento de que o Estado mínimo leva a degradação da soberania de um povo reprimindo sua liberdade e democracia, evitando assim, o impulsionamento para o crescimento econômico e social.

Com rapidez o sistema capitalista busca sucatear outros países através da política funesta imposta aos mesmos. Neste jogo, líderes políticos apresentam posturas favoráveis às políticas neoliberais em detrimento de políticas que promovam a justiça social almejada pelos revolucionários socialistas. O atual governo do Brasil apresenta estratégias que legitimam, diante de centenas de miseráveis, políticas fragmentadas e focalizadas que não agem sobre a causa da pobreza, mas sim sobre seus efeitos. Estas são ações que tendem a aumentar a miséria e a dependência de uma nação.

Para retratar tal realidade, dados apresentados pelo jornal Voz Operária (2006) apresenta informações que evidenciam o atrelamento das ações governamentais brasileira aos interesses de países imperialistas. Conforme jornal, nos dois últimos anos, o governo aplicou menos de um bilhão para a reforma agrária, cerca de 5 bilhões para as universidades públicas. No entanto, pagou 299 bilhões de reais da dívida pública, valor este que não serviu para reduzir a dívida total que era de 900 bilhões de reais em dezembro de 2003 e alcança atualmente 1 trilhão de reais. Estes dados refletem o reforço de alianças com os especuladores financeiros internacionais, que comemoram, com o lucro advindo do pagamento das dívidas exorbitantes adquiridas de forma arbitrária.

As entranhas capitalistas pregaram um golpe à soberania da Venezuela, quando em 12 de abril de 2002, Chavez sofre um golpe, que diferente dos tradicionais golpes esteve vinculado a interesses de mercado. Conforme Martins (2005) o golpe contra o presidente venezuelano representou a tentativa da derrubada de Chavez com o crivo de ser antidemocrático. Porém, além das aparências, o golpe representou “uma ditadura predominantemente econômica ao invés de uma ditadura predominantemente política”. (MARTINS, 2005, p.137)

Assim, é possível dizer que o golpe foi caracterizado por interesses econômicos, o que Martins especifica da seguinte forma:

O exercito imperial organizando a sucata. Queriam aumentar a lista. Como já aconteceu com Equador, e com Argentina, de maneira mais concreta que nos demais países da região, a Venezuela também deveria ser incluída na sinistra lista de sucatas nacionais da globalização. Seu destino, como de seus desafortunados precursores, seria também o de uma crise política e social permanente. Um destino que passaria, se o golpe fosse bem sucedido, a ser planejado e governado diretamente pelo Departamento de Estado Americano e organizações internacionais e regionais como FMI, Banco Mundial e outras imundices. Sem esquecer, é claro, das novas bases militares dos EUA no território venezuelano, como as demais já existentes na Colômbia, Equador, Bolívia, Argentina etc... (MARTINS, 2005, p.137)

Ao contrário do esperado, o golpe culminou na retomada de poder do presidente venezuelano que teve apoio do povo. Este fato mostra que, embora alguns governos acatem os ditames neoliberais, existem, no continente latino-americano, vozes revolucionárias que buscam a construção de uma nova ordem societária. Estas vozes representam a população organizada que reage aos ataques imperialistas formando coletivamente movimentos alternativos às propostas neoliberais.

É neste contraste de interesses que se posicionam as lutas que reagem aos ditames capitalistas em busca da construção de uma alternativa à hegemonia dos poderosos blocos econômicos que tem como principal objetivo conquistar mais valia a qualquer custo. Apresentar-se-á, no próximo item, o processo de construção de alternativas de lutas que possam superar a ordem vigente.

#### **4 UMA ALTERNATIVA AO CAPITALISMO:** processo histórico para a construção do socialismo

A sociedade atual expressa uma infinidade de problemáticas que emergem a cada dia resultando na pobreza estrutural, expressão das desigualdades sociais. Este é um cenário que evidencia bem os resultados advindos do sistema capitalista. No entanto, conforme citado anteriormente, as desigualdades sociais impulsionam o enfretamento ao sistema capitalista, trazendo a tona ideais revolucionários baseados na busca pelo socialismo. Os ideais revolucionários almejados significam uma utopia a ser alcançada através da luta social contra o sistema vigente, luta que decorre de um processo histórico de oposição de grupos organizados à exploração capitalista.

Porém, a revolução socialista almejada por francos movimentos da sociedade não se fará sem a consciência crítica das massas sobre a realidade na qual vivem. Assim, a mudança social acontecerá via práxis revolucionária que permitirá a análise da realidade vivida e, por conseguinte, sua transformação conforme as necessidades de mudanças apresentadas para se ter uma sociedade justa e igualitária.

Com base no exposto, a revolução apresentada como proposta de substituição ao capitalismo deve emergir da consciência crítica que dará base para a implantação de uma ideologia advinda do povo. Neste processo, a construção da hegemonia do segmento popular requer a conquista do consenso que permitirá a saída da classe dominada da subalternidade para a tomada da direção política. Assim, a conquista da hegemonia pela classe popular significa

passar da passividade à ação consciente, do consenso passivo ao consenso ativo, significa também buscar uma nova articulação de teoria e prática, combater a subalternidade mediante a superação das concepções mecanicistas e particularistas que encobrem o ser social" ( Simionatto, 2004, 47)

O processo revolucionário socialista se faz presente em países como Cuba, Bolívia e Venezuela. Cuba iniciou o processo revolucionário, ou seja, "a revolução cubana colocou as Américas no circuito mais avançado da época de transição para o socialismo" (VOZ OPERARIA, 2006, p.5)

Apesar da perseguição imperialista, Cuba mantém-se como país comprometido com os ideais socialistas. Venezuela, também, vive o processo revolucionário em busca de uma sociedade com bases socialistas. As reivindicações pela garantia da democracia revelam o aspecto de uma luta democrática revolucionária que tem como principal protagonista o povo. Esta luta se fortaleceu com a vitória de Hugo Chavez Frias em 1988. Após eleições ocorreu a construção e aprovação da nova constituição bolivariana com bases democráticas e a incessante construção de uma sociedade livre das garras imperialistas.

O sistema atual repercute mundialmente, por representar, uma esperança contra o capitalismo. Assim, o governo atual da Venezuela tem como objetivo tornar seu país independente,

desenvolvendo a agricultura para diminuir a necessidade de importação de alimentos, fomentar a criação de pequenos industriais, artesanais, melhorar a qualidade de vida nos bairros populares, construir moradias, produzir alimentos mais baratos. O governo tem criado novas empresas estatais para produção em grande escala. Tudo isso é financiado com os recursos oriundos da comercialização do petróleo, riquezas que antes eram usufruídas por poucos venezuelanos e pelos monopólios internacionais." (VOZ OPERARIA, 2006, p. 10)

Esta realidade apresenta a participação do povo nos espaços políticos e a construção democrática e coletiva de um projeto político pautado na ascensão popular ao poder. Neste contexto, a conquista da hegemonia neste país, pelas bases populares, pode ser caracterizada pela "passagem do senso comum, do modo de pensar desorganizado e



folclórico, a um pensar crítico e histórico”.( SIMIONATTO, 2004, p. 84), pensar este que se faz através da luta concreta.

O processo de revolução parte do ideal bolivariano<sup>3</sup> que apresenta como estratégia a superação da ofensiva capitalista através da integração dos países latino-americanos.

A integração proposta pela revolução bolivariana enaltece a junção de forças de regiões que apresentam peculiaridades para a formação da integração latino-americana como enfrentamento aos poderosos blocos econômicos. Assim, busca-se a consolidação de uma alternativa que leve a independência, de fato, do continente, alternativa que possibilite a construção de uma nova ordem societária que prime pela liberdade e justiça social.

É certo, que esta sociedade surgirá da emancipação de sujeitos que pensam a luta social como necessária para transformação da realidade. Esse é o sonho revolucionário que permanece tímido em alguns países, mas, em contraposição, expande fortemente em outros, e conseqüentemente exigirá de cada sujeito a consciência crítica sobre o contexto histórico. Isso é a práxis revolucionária que se iniciou, e que, espera-se, mude as relações desiguais. Que essas relações passem do campo da mera exploração para a igualdade de condições entre países para que estes se firmem como nações independentes e conseqüentemente mais justas.

## 5 CONCLUSÃO

Apresentada a questão latino-americana, percebe-se que esta está envolta por interesses divergentes caracterizados pela busca da hegemonia do povo, de um lado, e de outro, a manutenção da classe dominante no poder. Viu-se que o sistema capitalista está em crise, uma vez que mostrou que não é eficiente, pois trouxe consigo uma gama de problemáticas que assolam a sociedade no caos. Porém, nasce uma esperança contra este sistema, anunciada pelo emergir do sentimento revolucionário que assume frentes de ações em países como Cuba, Bolívia, Venezuela.<sup>4</sup>

A revolução é caracterizada pela busca do socialismo que representa uma sociedade digna para todos. No entanto, esta mudança não acontecerá da noite para o dia, mas será fruto de um processo que engloba ações históricas pela construção contínua de estratégias que levem a ascensão do povo ao poder. Diz-se isso, pois uma revolução

---

<sup>4</sup> A revolução bolivariana é fundamentada nos ideais de Simon Bolívar que pensou a integração latino-americana como uma alternativa viável para a libertação do continente da imposição imperialista.

socialista somente será possível com a emancipação popular, emancipação esta que levará a base ao poder.

Neste sentido, propõe-se a emancipação através da práxis revolucionária, que permitirá que o povo tenha consciência crítica da realidade na qual vive para, a partir disso, atuar sobre ela. Um Estado democrático deverá permitir a participação popular de forma a expandir interesses deste segmento a fim de garantir condições condignas à população.

Portanto, a transformação social em busca da construção do socialismo se dará quando, o povo ascenda ao poder de forma crítica, tendo, no Estado, apoio para deliberar sobre seus anseios e aspirações por um mundo melhor, rompendo, para isso, com a dependência ao imperialismo e propondo uma alternativa criativa que leve a implantação de uma nova ordem societária.

## REFERÊNCIAS

MARTINS, José. **Império do terror: Estados Unidos, ciclos econômicos e guerras no início do século XXI**. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2005. 192 p.

OURIQUES, Nildo (Org.). **Raízes no libertador: bolivarianismo e poder popular na Venezuela**. 2 ed. Florianópolis: Insular, 2005. 160 p.

SIMIONATTO, Ivete. **Gramsci: sua teoria, incidência no Brasil, influência no Serviço Social**. 3 ed. Florianópolis: Ed. da UFSC; São Paulo: Cortez Editora, 2004. 281p.

WANDERLEY, Mariângela Belfiore, et al (Org.). **Desigualdade e a questão social**. 2 ed. São Paulo: EDUC, 2004. 272 P.

VOZ OPERÁRIA. Florianópolis: Corrente Comunista Carlos Prestes, Ano 9, n. 10, março de 2006.